

Artigo recebido em:
11.02.2018

Aprovado em:
12.09.2018

Contrastes da cobertura jornalística audiovisual da greve geral de 28 de abril no Brasil pelos *media* tradicional e alternativo¹

**Kamila Bossato
Fernandes**

Kamila Bossato Fernandes

Professora assistente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), na área de telejornalismo. Estudante de Doutorado do Programa FCT em Estudos de Comunicação, da Universidade do Minho, com uma pesquisa sobre o jornalismo alternativo.

E-mail: kamila.fernandes@gmail.com

¹Versão modificada de um trabalho apresentado na Conferência Internacional *Patologias e Disfunções da Democracia em Contexto Mediático, promovida pelo Labcom-UBI, nos dias 27 e 28 de outubro de 2017, em Portugal.*

Estudos em Jornalismo e Mídia
Vol. 15 Nº 2
Julho a Dezembro de 2018
ISSNe 1984-6924

Resumo

A cobertura jornalística de protestos populares tende a enfatizar aspectos negativos do evento, como demonstra o paradigma do protesto. Por sua vez, a fragmentação do ecossistema midiático tem feito com que outras narrativas disputem as representações acerca deste tipo de acontecimento. Foi o que aconteceu na greve geral realizada no Brasil no dia 28 de abril de 2017. Neste estudo, proponho uma análise multimodal de reportagens produzidas por dois dos principais telejornais brasileiros e quatro meios alternativos online. O objetivo é perceber as estratégias discursivas empregadas por cada um deles para construir narrativas jornalísticas audiovisuais. Entre as conclusões, nota-se que os meios tradicionais buscaram realçar sua legitimidade a partir das vozes de pessoas comuns, enquanto os meios alternativos fortaleceram fontes contra-oficiais, sobretudo sindicalistas.

Palavras-chave: Paradigma do protesto. Jornalismo. Jornalismo alternativo.

Contrast of the audiovisual journalistic coverage of the general strike of April 28th in Brazil by traditional and alternative media

Abstract

The journalistic coverage of popular protests tends to emphasize negative aspects of it, as shown by studies related to the protest paradigm. In turn, the fragmentation of the media ecosystem has allowed other narratives to dispute the representations about this type of event. This happened during the general strike held in Brazil on April 28th, 2017. In this study, I propose a multimodal analysis of audio-visual reports produced by two Brazilian news programs and four alternative media groups. The objective is to grasp the discursive strategies used by each one of them to construct the audio-visual journalistic narratives. Among the conclusions, traditional media sought to emphasize their legitimacy from the voices of ordinary people, while alternative media strengthened contra-official sources, especially trade unionists.

Keywords: Protest paradigm. Journalism. Alternative journalism.

No dia 28 de abril de 2017, aconteceram manifestações em todo o Brasil contra mudanças na legislação trabalhista e da Previdência Social propostas pelo governo de Michel Temer. Sindicatos e partidos de esquerda lideraram o movimento, chamado de Greve Geral, por considerarem que as reformas retiram direitos dos trabalhadores. Já o governo e empresários alegavam que as reformas são imprescindíveis para a retomada do crescimento da economia do país.

As duas visões deste evento ficaram bem evidentes na cobertura jornalística feita no dia dos protestos: enquanto emissoras de televisão do *mainstream* enunciavam que a greve era restrita a pequenos grupos de sindicalistas e que gerava transtornos para o restante da população, meios alternativos mostravam o movimento como a maior mobilização trabalhista já realizada no país. Mais do que o viés dado por cada cobertura, porém, neste trabalho proponho analisar as estratégias discursivas utilizadas por diferentes grupos de *media* que utilizam a linguagem audiovisual durante a cobertura deste dia de manifestações.

Para tanto, inicialmente irei traçar uma discussão sobre a questão da verdade no jornalismo, e em seguida apresentarei os preceitos que demarcam estudos fincados no paradigma do protesto. Para, enfim, apresentar o percurso metodológico definido para a análise, baseado na análise crítica do discurso multimodal (MACHIN; MAYR, 2012). Serão analisados conteúdos em vídeo produzidos por dois telejornais, o *Jornal Nacional*, da TV Globo, e o *Jornal da Record*, da TV Record, e por quatro grupos de jornalismo alternativo, *Jornalistas Livres*, *Coletivo Nigéria*, *Coletivo Catarse* e *Marco Zero Conteúdo*.

A questão da verdade no jornalismo

A prática jornalística tem estreita ligação com a difusão da verdade. Verdade no sentido ontológico, ou da experiência, relacionada diretamente com o que se considera o real e se efetiva pela ideia de fato (SPONHOLZ, 2003). Contudo, no processo de transformar o fato em representação, mais do que chegar a um valor de verdade, o discurso jornalístico produz efeitos de verdade, aceitos na dimensão epistêmica, da crença (CHARAUDEAU, 2006). Assim, o jornalismo não traz uma verdade, mas apresenta um discurso que cremos que é verdadeiro.

O compromisso com a verdade foi enfatizado no processo de profissionalização do jornalismo a partir de certos padrões. Como relata Schudson (2001), a partir do conjunto de valores e normas fincados na ideia de objetividade jornalística, definiu-se não apenas o que é, mas também o que não é aceitável na prática jornalística. Entre os valores e normas que integram a objetividade estão a separação entre informação e opinião, a busca pelo equilíbrio e a imparcialidade.

Contudo, como constata a análise crítica do discurso (ACD), não há discurso neutro, isento de ideologia, ou plenamente objetivo. “Comunicar, informar, tudo é escolha” (CHARAUDEAU, 2006, p. 39). E por causa da impossibilidade de aplicar este valor em sua integralidade, ainda que se mantenha como prática hegemônica (CARPENTIER; TRION, 2010), a objetividade jornalística tem sido criticada por pesquisadores de diferentes orientações teórico-metodológicas (HALL, 1978; MORETZSOHN, 2002; VAN DIJK, 2015). Entre os críticos, Boykoff e Boykoff (2004) demonstraram que a aplicação acrítica dos valores da objetividade acaba por distorcer acontecimentos. Estudos a partir do paradigma do *framing* (MCLEOD; DETENBER, 1999; ENTMAN, 2004; HOPKE, 2012) também colocam em xeque a possibilidade de chegar a uma verdade pura, ao identificar versões, ou vieses, presentes nos textos jornalísticos.

A crítica à objetividade também faz parte do referencial de atuação de grupos de jornalismo alternativo (ATTON; HAMILTON, 2008). Em termos gerais, podemos considerar que o jornalismo alternativo é marcado pela responsabilidade social, pelo incentivo à participação e pela intenção de representar os que não têm acesso aos *media* tradicionais (FORDE, 2011). Muitas vezes, tal prática mantém vínculos com movimentos sociais (RODRIGUEZ, 2001) e sua produção está associada à da comunicação para a transformação social (RODRIGUEZ et al., 2014).

Apesar de rejeitar muitas vezes a objetividade jornalística (ATTON, 2011), quando falamos de jornalismo alternativo nos referimos a uma prática associada aos mesmos sentidos de verdade assumidos pelo jornalismo tradicional, atrelados à verificabilidade do fato e narrados a partir de certas estratégias discursivas que garantem verossimilhança. A diferença mais nítida é que os alternativos em geral assumem um lado e defendem certas posições. Assim, enquanto meios tradicionais em geral dizem fazer coberturas imparciais, os alternativos denunciam tal impossibilidade e costumam demonstrar simpatia ou apoio às manifestações, ainda que também possam recair em recorrências verificadas pelo paradigma do protesto, como veremos a seguir.

Paradigma do protesto

A forma como os jornais registram manifestações sociais levou pesquisadores a investigarem tendências que marcam este tipo de cobertura, o que originou a proposta do paradigma do protesto. Inicialmente proposto por Chan e Lee (1984), o paradigma identificou que, em geral, a cobertura segue padrões que colocam as manifestações em desvantagem.

Dardis (2006) identificou 14 categorias que em geral são mais acionadas nas coberturas dos protestos, entre as quais destaco: a ênfase na completa falta de lei, verificada quando há referências a situações de violência, vandalismo e ao bloqueio de vias públicas; o destaque aos confrontos dos manifestantes com a polícia; a infantilização dos manifestantes, percebida quando enfatiza-se danças e jogos; a carnavalização do protesto; dados estatísticos; generalizações, feitas sem a referência a dados; a visão de testemunhas; uso de fontes oficiais, em detrimento da voz dos manifestantes; apresentar o protesto como uma traição; mostrar o protesto como anarquia. Nem todas as características são empregadas no sentido negativo, para desqualificar os protestos, mas há padrões mais persistentes, como as referências à falta de respeito às leis.

O que não significa que todas as coberturas de protestos empreguem tais padrões e sejam negativas em relação às manifestações, como pondera o próprio Dardis (2006). Lee (2014) considera que, com as mudanças no ambiente mediático e nas dinâmicas internas dos movimentos sociais, hoje é mais adequado pensar no paradigma como uma variável cuja aplicação deve ser feita para verificar níveis de cobertura, que variam de acordo com o local, as relações políticas do meio de comunicação com o poder e com o tipo de protesto (LEE, 2014).

Tendo como foco manifestações que aconteceram em 2013 em China, Índia e Brasil, Shahin, Zheng, Sturm e Fadnis (2016) aplicaram quatro dimensões para compreender a adesão ou não ao paradigma do protesto em cada um desses países: o desenvolvimento histórico dos meios de comunicação de massa; vínculos entre os meios jornalísticos e interesses políticos organizados; o nível de profissionalismo jornalístico; e o grau de intervenção do estado. Entre as conclusões do trabalho está que, mais do que convicções ideológicas dos meios de comunicação, o que influencia na adesão ao paradigma do protesto é o alinhamento com o governo (SHAHIN et al, 2016). No caso brasileiro, por exemplo, verificou-se que, à medida

que os protestos de 2013 passaram a ter como alvo o governo da presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), os jornais passaram a ser mais simpáticos aos manifestantes, o que demonstra que eles não eram “naturalmente” contrários aos protestos.

A marginalização dos protestos, através de estratégias de deslegitimação na cobertura, não atinge apenas manifestações ligadas à esquerda ou anti-*status quo* (BOYLE et al, 2012), mas grupos de direita também, como mostraram Weaver e Scacco (2013). Por outro lado, há pesquisas que indicam que, entre os meios de comunicação alternativos, existe uma tendência a favorecer protestos, ainda que, em grande parte, seja dada mais atenção à violência do que às demandas dos manifestantes (REUL et al, 2016).

Metodologia de análise

A maioria dos estudos que aplicam o paradigma do protesto o fazem pela análise do *framing* (GITLIN, 1980; MCLEOD; DETENBER, 1999; HARLOW et al, 2017). Neste trabalho, entretanto, não seguirei tal tendência. A partir de uma análise exploratória inicial, parto do pressuposto de que a cobertura feita pelos telejornais escolhidos utiliza estratégias que deslegitimam os protestos, ao mesmo tempo em que os grupos alternativos demonstram apoiar as manifestações. Nesta análise, interessa identificar as estratégias discursivas utilizadas para estabelecer estes *frames*, e para tanto aplicar-se-ão as ferramentas da análise multimodal da semiótica social. Afinal são duas versões absolutamente contraditórias da mesma história: *o que é* mostrado em um lado, e não no outro? E *como* essas versões são mostradas?

A análise multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; O'HALLORAN, 2011) contempla um conjunto de procedimentos para a análise de produções midiáticas que mesclam diferentes modos de comunicação (texto, áudio e imagens), apresentando caminhos que levam à interpretação dos sentidos produzidos a partir da combinação desses diferentes elementos. Associada à análise crítica do discurso, busca desnaturalizar a forma como os discursos são construídos, contrapondo-o às escolhas possíveis que giram no seu entorno (MACHIN; MAYR, 2012).

A análise tomará por base o caminho esmiuçado por Machin e Mayr (2012). Para tanto, será feita inicialmente uma rápida contextualização do protesto e do posicionamento de cada grupo de comunicação, para, em seguida, ser feita uma análise a partir de: 1) fontes usadas para os relatos; 2) termos e imagens usadas para se referir à manifestação; 3) termos e imagens usadas para se referir aos manifestantes; 4) referências usadas para tratar os motivos do protesto; e 5) referências usadas para explicitar a opinião pública sobre o protesto.

A greve geral de 28 de abril, emissoras de televisão e grupos alternativos

O protesto do dia 28 de abril de 2017 foi organizado em todo o Brasil, contra as reformas trabalhista e da Previdência. Propostas que entraram na agenda pública após o impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016, com o apoio de empresários.

Em termos comunicacionais, a TV aberta no Brasil segue líder de audiência entre as mais diferentes camadas da população e as duas emissoras escolhidas são as que concentram a maior fatia de público. A TV Globo faz parte do maior grupo de comunicação do país, sendo o *Jornal Nacional* o telejornal mais assistido entre os brasileiros. A emissora foi criada em 1965 pelo jornalista Roberto Marinho (a família Marinho segue sendo proprietária), e sua história é atrelada ao apoio à ditadura militar (1964-1985) e à oposição aos governos de Luiz Inácio Lula da Silva

(2003-2010) e de Dilma (2011-2016). Por esses posicionamentos, a emissora costuma ser duramente criticada por movimentos sociais. Já a TV Record existe desde 1953, mas desde os anos 1990 pertence a Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus. O grupo tem fortes interesses políticos, com parlamentares e governantes eleitos em todo o país, e age em defesa de uma agenda conservadora, anti-aborto, anti-casamento homossexual, e em favor de interesses empresariais. Assim como a Globo, atuou contra o governo Dilma.

Três dos quatro grupos de mídia alternativa elencados para análise surgiram entre 2011 e 2015, com o advento das redes sociais. O grupo *Jornalistas Livres* foi lançado em 2015 e tem uma ação voltada para dar visibilidade a movimentos sociais, com uma pauta política progressista. Foi frontalmente contrário ao impeachment de Dilma, que considera um golpe. O *Coletivo Nigéria* foi lançado em 2011 em Fortaleza, no Nordeste, como uma produtora de conteúdo para movimentos sociais, e desde os protestos de 2013, realiza uma produção jornalística esporádica. O *Marco Zero Conteúdo* também foi criado no Nordeste, no Recife, em 2014, e dá ênfase à cobertura local de fatos de interesse dos movimentos sociais e de grupos políticos de esquerda. Também condenou o impeachment de Dilma. Já o *Coletivo Catarse* foi criado em 2004, com sede em Porto Alegre, no sul do Brasil, e desenvolve produções em parceria com movimentos sociais para divulgar ações culturais e em prol dos direitos humanos.

Resumo das coberturas

Apresentado pelos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos, o *Jornal Nacional* dedicou 21 minutos e 43 segundos, um pouco mais da metade da sua duração (de 40 minutos), às manifestações². O tempo foi dividido entre oito matérias e duas notas de estúdio. O *Jornal da Record*, apresentado por Celso Freitas e Adriana Araújo, destinou 19 minutos ao tema, quase um terço do seu tempo total (de 50 minutos)³. Foram sete reportagens, uma entrada de repórter ao vivo e uma nota de estúdio.

Entre os alternativos, o grupo *Jornalistas Livres* acompanhou as manifestações durante todo o dia, especialmente a partir da cidade de São Paulo, onde tem sede, com emissões em streaming, entrevistas e galerias de fotos. Para este trabalho, foram considerados quatro vídeos do grupo. O *Coletivo Nigéria* fez uma cobertura pontual, com um vídeo em que mostrava o bloqueio de uma avenida por manifestantes. O *Marco Zero Conteúdo* priorizou a mobilização que aconteceu no Recife, mostrando a concentração de pessoas em apoio à greve geral. Para este trabalho, serão analisados dois vídeos do grupo. E o *Coletivo Catarse* publicou um vídeo e uma galeria de fotos sobre o protesto que aconteceu em Porto Alegre.

²O programa completo pode ser visto em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/04/28.html#!v/5834689>>. Acesso em: 18 out 2017.

³O programa completo pode ser visto em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/assista-a-integra-do-jornal-da-record-desta-sexta-feira-28-29042017>>. Acesso em: 18 out 2017.

Análise

Fontes usadas para os relatos

No *Jornal Nacional*, a maioria das fontes utilizadas não era oficial. Foram ouvidas 10 pessoas comuns, e duas tiveram posição favorável aos protestos. As demais foram inseridas no sentido negativo, ao reclamar dos efeitos das manifestações, como a falta de transporte público para chegar ao trabalho. Sindicalistas (4) e manifestantes (2) também foram ouvidos nas matérias, ainda que, logo após as suas falas, a narrativa recorrentemente trouxesse aspectos negativos dos protestos, como momentos de confronto e de vandalismo. Foi dado espaço ainda ao governo e à fala de um grupo empresarial, e ambos consideraram os protestos insignificantes.

O *Jornal da Record* também priorizou falas de pessoas comuns, mas todas contrárias aos efeitos da greve. Foram treze pessoas identificadas por nome, sobrenome e atividade profissional, com histórias sempre associadas a algum tipo de prejuízo causado pelo protesto, financeiros ou à saúde. A versão do mercado é enfatizada por um corretor financeiro: “não vamos aderir a este tipo de movimento porque o mercado não para”. Não foram inseridas falas de sindicalistas e a única pessoa que apareceu falando em defesa das manifestações foi uma mulher não identificada, que tinha os olhos vermelhos por causa de um ataque da polícia com bomba de efeito moral – o que não foi explicitado pela reportagem. Além das pessoas comuns, foram incluídas falas de integrantes do governo e de um advogado, que acusou os sindicatos de não respeitar decisões judiciais, atuando, assim, de forma ilegal.

Entre os grupos alternativos, o *Jornalistas Livres* priorizou falas de sindicalistas. Desde o início dos protestos, o grupo colocou no ar entrevistas com lideranças sindicais que falavam sobre a paralisação. Na primeira dessas emissões⁴, trabalhadores do Metrô de São Paulo diziam que toda a categoria havia aderido à greve, que já se configurava como a maior da história do país, e que a população apoiava o movimento. Além dos sindicalistas, o grupo também deu destaque à opinião de seus jornalistas, como o que aconteceu durante uma passeata, onde a jornalista considerou que o movimento estava “imenso”, “o cenário da manifestação é lindo”, uma “puta manifestação maravilhosa”, e que “o governo tá levando um susto com a força da luta, a força do povo brasileiro”.

O *Coletivo Nigéria* optou por utilizar uma linguagem mais próxima do cinema direto, sem uso de narração em *off* e só a câmera na mão, mas com imagem em alta resolução, e sem inserção de trilha sonora. Foram inseridas duas entrevistas no vídeo, ambos manifestantes. O *Coletivo Catarse* também optou por montar uma narrativa com baixa interferência de edição, sem narração em *off*, mas em com falas de entrevistados para guiar o seu posicionamento. Foram ouvidos uma jornalista da TV pública e um militante do movimento social. As falas foram em apoio à greve e contra as propostas do governo. A jornalista, além disso, refletiu sobre o papel do jornalismo na cobertura das reformas trabalhista e da Previdência, com críticas à atuação das emissoras de TV comerciais. “Cadê o contraponto?”, questionou a jornalista. Já o *Marco Zero Conteúdo* não faz qualquer entrevista nos vídeos que colocou no ar. Apenas expôs a voz dos manifestantes entoando alegremente gritos de guerra de “fora Temer”.

Termos e imagens usadas para se referir à manifestação

O *Jornal Nacional* se referiu ao dia de protestos como “dia de manifestações contra as reformas da Previdência e trabalhista”, utilizando apenas uma vez o termo “greve geral”. O telejornal atribuiu o movimento às centrais sindicais, não citando a participação de cidadãos. Para mostrar os protestos, muitas imagens eram aéreas, o que impedia ver rostos dos manifestantes. Uma das formas usadas para dimensionar os protestos foi com números, indicando a quantidade de pessoas em certas ações, especialmente quando eram poucos manifestantes. Por mais de uma vez, os repórteres se referiram às manifestações como “pequenas” passeatas. De modo cíclico, a reportagem mostrou protestos que começavam pacíficos, mas que acabavam em confrontos com a polícia e em atos de vandalismo. Situações em que os protestos passavam a ser chamados de “tumulto”, “baderna” e “confrontos”. A polícia aparecia como tendo de “reagir” e o excesso de força da ação policial não foi questionado.

No *Jornal da Record*, a manifestação foi situada em oposição à legalidade, sendo associada aos termos “tumultos”, “depredações” e a ações que prejudica-

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/jornalistaslivres/videos/520783821378833/>>. Acesso em: 23 out 2017.

ram os trabalhadores. O dia foi de “agitação”, com “clima de guerra”. O termo greve foi usado apenas em uma matéria, que buscava demonstrar como o direito de ir e vir das pessoas foi afetado pelo direito de greve. O dia de manifestações foi também associado ao medo de sofrer algum tipo de violência, o que foi ilustrado com imagens da polícia disparando balas de borracha e bombas de efeito moral contra os manifestantes, barricadas pegando fogo e uma passeata atribuída aos “*black blocs*”.

Pelo olhar dos *Jornalistas Livres*, a manifestação foi um ato de grande proporção, com imensa adesão. A grandiosidade se manteve mesmo nos relatos sobre o embate com a polícia, como na emissão ao vivo feita do Rio de Janeiro⁵. Com uma narração em *off*, a emissão foi feita por um celular na vertical, com imagens em baixa resolução, borradas. Essa emissão ficou no ar por 46 minutos. A repórter relatava que o protesto só havia esvaziado por causa da violência policial.

Também no sentido inverso ao que fizeram as emissoras de TV, o *Coletivo Nigéria* usou as imagens dos bloqueios em via pública com pneus incinerados não para ilustrar o caos ou o desrespeito ao direito de ir e vir, mas como parte da luta dos trabalhadores. O protesto foi simbolizado tanto como momento de festa, como de enfrentamento. O que foi evidenciado no momento em que, para impedir a saída dos ônibus, manifestantes se sentaram no chão, em uma resistência pacífica.

Marco Zero Conteúdo e *Coletivo Catarse* ilustram o protesto como uma grande festa. Em um dos vídeos do *Marco Zero*⁶, manifestantes aparecem dançando ao som do ritmo de frevo e cantando, aos pulos, “fora Temer”. Não há narração ou contextualização do evento. Em outro vídeo⁷, a manifestação aparece como um evento popular, uma feira, com pessoas conversando, barracas de comida, música, tudo misturado em uma praça repleta de pessoas. Imagens que, descontextualizadas, se aproximam de outros eventos que costumam lotar as vias públicas no Recife, como o Carnaval e o Réveillon.

Já o *Catarse*⁸ introduz informações sobre o dia de protestos tanto a partir da fala de entrevistados, como ao mostrar faixas e cartazes que condenam as reformas da Previdência e da legislação trabalhista, mas em geral mostrando cenas da manifestação repletos de alegria, com os manifestantes sorrindo, fantasiados, segurando faixas e cartazes e cantando “Eu tou na luta, na resistência, contra a reforma da Previdência”.

Termos e imagens usadas para se referir aos manifestantes

O *Jornal Nacional* mostrou os manifestantes de dois modos: como sindicalistas e como “grupos mascarados”. Os sindicalistas eram apresentados como grupos organizados, que lideraram as pequenas passeatas, enquanto os mascarados eram responsáveis pelos atos de vandalismo e pelos “confrontos” com a polícia. Manifestantes feridos chegaram a ser mostrados, mas não foram chamados de manifestantes, e sim de estudantes e jovens.

O *Jornal da Record* preferiu referir-se às pessoas que participaram dos protestos como “grupos de manifestantes ligados a centrais sindicais”, contrapondo-os diretamente aos “trabalhadores”, prejudicados pela iniciativa. Não houve qualquer tentativa de distinguir os vândalos ou mascarados dos demais manifestantes. Os “manifestantes” foram responsabilizados pelos atos de tumulto e, em dois momentos, foram referenciados por nomes de organizações específicos, primeiro como “grupo que se autodenomina anarcopunk”, e depois como “*black blocs*”, ainda que as imagens mostrassem uma multidão participando do protesto. Em uma fala atribuída à polícia, houve uma referência a “vândalos infiltrados” nas manifestações.

⁵Disponível em: <<https://www.facebook.com/jornalistaslivres/videos/521429137980968/>>. Acesso em: 24 out 2017.

⁶Disponível em: <<https://www.facebook.com/mzconteudo/videos/1892097187715389/>>. Acesso em: 25 out 2017.

⁷Disponível em: <<https://www.facebook.com/mzconteudo/videos/1892020761056365/>>. Acesso em: 25 out 2017.

⁸Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D--OFhF19sJQ&feature=youtu.be>>. Acesso em: 25 out 2017.

Os manifestantes foram representados pelos *Jornalistas Livres* a partir de imagens feitas em meio à manifestação, em que era possível ver diferentes rostos, ouvir palavras de ordem e identificar comportamentos. Em geral, o grupo priorizou mostrar os manifestantes em atos de civismo pacífico. Mesmo em situações de tensão com a polícia, o *Jornalistas Livres* não se referiu a mascarados ou vândalos, mas a “grupos de ação direta” que agiam em reação à violência sofrida.

Com a câmara sempre muito próxima dos manifestantes, o *Coletivo Nigéria* enfatizou a organização dos envolvidos e a resistência dos manifestantes. Representação que ganha corpo, na edição, com o grito de guerra dos manifestantes “Aqui está o povo sem medo, sem medo de lutar” repetidas vezes. Já o *Marco Zero Conteúdo* e o *Coletivo Catarse* apresentaram os manifestantes como pessoas alegres, e não sindicalistas radicais. Alegria visível em rostos sorridentes, em conversas tranquilas e em cantorias.

Referências usadas para tratar os motivos do protesto

O *Jornal Nacional* vinculou o dia de protestos à insatisfação das centrais sindicais, e não dos trabalhadores, às propostas do governo Temer, e dedicou um infográfico para explicar certos aspectos de cada reforma, inserindo pontualmente argumentos dos sindicatos contra as medidas, bem como a defesa do governo, que sempre aparecia como a palavra final.

O *Jornal da Record* ignorou os motivos da greve. Não fez referência a qualquer um dos pontos criticados pelos sindicalistas, nem se preocupou em contextualizar o que gerou o dia de paralisações. Houve apenas uma referência às reformas trabalhista e da Previdência, mas pela boca dos integrantes do governo, que as defenderam alegando ser “pré-condições para a retomada do crescimento e do emprego”. O telejornal, assim, considerou que o público estaria suficientemente informado sobre as causas dos protestos, ou que não lhe cabia o papel de explicar os motivos das manifestações, apenas mostrar o quanto foram inconvenientes e ilegais.

Os motivos da greve foram abordados pelo grupo *Jornalistas Livres* durante toda a cobertura, mas de modo genérico, a partir da fala de sindicalistas. E partiam sempre da mesma premissa, de ser uma tentativa de cassar direitos dos trabalhadores, o que era repetido sem qualquer detalhamento.

O *Coletivo Nigéria* e o *Marco Zero Conteúdo* não fizeram referências claras aos motivos do protesto. A única referência, no caso do *Nigéria*, surgiu na fala de uma entrevistada, que argumentou ser contrária à retirada do direito à Previdência. Já o *Coletivo Catarse* apresentou alguns elementos que motivaram as manifestações, tanto a partir da fala dos entrevistados, como ao mostrar faixas e cartazes que associavam as reformas à volta do trabalho escravo, mas também sem detalhar nada.

Referências usadas para explicitar a opinião pública sobre o protesto

A fala de pessoas comuns, sem identificação, foi a principal forma de expressar a opinião pública contra os protestos pelo *Jornal Nacional*. As falas foram distribuídas ao longo das matérias num tom similar, trazendo à tona a vontade do entrevistado de ir ao trabalho, ou de ir ao consumo, e a impossibilidade criada pelos manifestantes. Há uma única fala favorável aos protestos, que diz que é importante não se calar.

O *Jornal da Record* também usou falas de pessoas comuns não para criticar os motivos das manifestações, mas para mostrar o quanto este tipo de protesto é ilegítimo por causar prejuízos. Mas foi além, ao induzir a ideia de que os protestos causaram medo à população. Tal representação do dia de protestos, como perigoso, se deu pelo uso de imagens dos confrontos entre a polícia e os manifestantes,

bem como pela inclusão de um trecho de áudio em que uma mulher não identificada, que filmava à distância ativistas quebrando telefones públicos em uma praça, dizia “Ai, tou com medo”. A fala deu verossimilhança ao estado de tensão vivido por quem não queria participar da paralisação, atribuindo aos manifestantes a culpa pela sensação de violência.

Voltado para as redes sociais, os *Jornalistas Livres* utilizam hashtags para que sejam replicadas pela audiência. No dia da paralisação, em cada publicação, o grupo inscrevia algumas *hashtags*, entre elas #ForaTemer, #BrasilemGreve, #GreveGeral e #TôdeGreve. O uso dessas marcas evidencia a tomada de posição da publicação sem deixar dúvidas de que lado está.

O *Coletivo Nigéria* não inseriu qualquer elemento que pudesse evidenciar de que lado estava a opinião pública. Seu trabalho foi tanto dar voz às lideranças dos movimentos populares que protagonizavam o protesto, como ser testemunha das violências cometidas contra os manifestantes. A tal ponto que a cobertura se esforçou para flagrar o momento em que um dos seguranças da empresa de transporte alvo da manifestação fez um disparo para o alto para ameaçar os manifestantes. O coletivo também serviu como testemunha no momento em que outros seguranças, usando capacetes para dificultar a identificação, usaram um cachorro contra os ativistas. Tal função de testemunho é recorrente em práticas de vídeo ativismo (FAUZANAFI; HALAMAN, 2015; SOUSA; CERVI, 2017), usada para influenciar a opinião pública, ao colocar em posição de desigualdade a opressão dos detentores do poder, de um lado, contra militantes desarmados que lutam por causas justas, do outro.

Discussão e considerações finais

A ausência de neutralidade das coberturas tanto do *mainstream* como dos meios alternativos já era esperada, a partir do que se convencionou no paradigma do protesto. Contudo, as estratégias empregadas sobretudo pelos meios tradicionais surpreenderam, ao priorizar a voz de pessoas comuns, e não fontes oficiais, como costuma acontecer nessas situações. Assim, não bastou mostrar com imagens o caos causado pela interrupção do trânsito e pelos confrontos. Apelou-se à fala de cidadãos, de trabalhadores, que de algum modo sofreram consequências negativas por causa dos protestos.

Este seria o comportamento esperado normalmente dos meios alternativos, já que o estímulo à participação cidadã é uma das características apontadas pelos estudos da área (HARCUP, 2003; 2015). Contudo, como já mostraram Atton e Wickenden(2005), grupos alternativos acabam por criar uma contra-elite de fontes, ligadas a movimentos sociais e sindicatos, ou priorizam falas dos seus próprios jornalistas como testemunhas legítimas dos acontecimentos. Que foi o que aconteceu nestes casos estudados.

O contexto que envolve cada meio de comunicação influencia diretamente a tomada de decisões editoriais. No caso do *Jornal Nacional*, por exemplo, nitidamente há uma tentativa de reduzir o risco de o telejornal ser acusado de manipulador, ao inserir a fala de sindicalistas e de pessoas comuns, expor os motivos das manifestações e tentar diferenciar manifestantes dos vândalos mascarados. Tudo para se eximir de críticas mais contundentes. Preocupação que claramente a TV Record não teve. Pelo contrário, a emissora acabou por fazer uma cobertura estritamente condenatória das manifestações, se encaixando fielmente às prerrogativas do paradigma do protesto, ao buscar deslegitimar as ações tanto pela violência, como ao não expor os motivos, bem em acordo com as orientações do grupo religioso que detém sua propriedade e que apoia o governo Temer (a TV Globo passou a se opor a Temer, apesar de ser favorável às reformas).

No caso dos alternativos, o posicionamento positivo dos grupos não os afastou por completo do paradigma do protesto, já que priorizaram mostrar as manifestações como festa, não se aprofundaram na exposição dos motivos e acabaram por enfatizar situações de conflito, ainda que para denunciar a violência policial. Um elemento diferencial é o fato de realizarem a cobertura em meio aos manifestantes, o que possibilita mostrar suas faces e seu comportamento, o que os humaniza. Fator extremamente relevante na construção da empatia para com a audiência.

Mas, e afinal, o que foi esse dia de manifestação? O caos ou uma festa cidadã? Mais do que uma resposta, a análise nos leva a refletir sobre o papel do jornalismo na construção de uma sociedade mais plural e aberta ao debate. Afinal, é positivo que não apenas a versão tradicional, que marginaliza os protestos, seja evidenciada no espaço midiático. Contudo, a falta de abertura dos dois lados a expor divergências parece não contribuir para o debate público. Pelo contrário, reforça as bolhas sociais cada vez mais intransponíveis no ambiente virtual. Cultiva-se, assim, um ambiente antagonico, de divergências insanáveis, e não um espaço agônico, como propôs Mouffe (2013), em que as diferenças são expostas e debatidas, sem consensos, mas respeitadas.

REFERÊNCIAS

ATTON, C. Alternative journalism. In: DOWNING, J. D. H. (Ed.). **Encyclopedia of Social Movement Media**. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage, 2011.

ATTON, C.; HAMILTON, J. F. **Alternative Journalism**. 1st. London: Sage, 2008.

ATTON, C.; WICKENDEN, E. Sourcing routines and representations in alternative journalism: a case study approach. **Journalism Studies**, v. 6, n. 3, p. 347-359, 2005.

BOYKOFF, M. T.; BOYKOFF, J. M. Balance as bias: global warming and the US prestige press. **Global Environmental Change**, n. 14, p. 125-136, 2004.

BOYLE, M. P.; MCLEOD, D. M.; ARMSTRONG, C. L. Adherence to the protest paradigm: The influence of protest goals and tactics on news coverage in US and international newspapers. **The International Journal of Press/Politics**, v. 17, n. 2, p.127-144, 2012.

CARPENTIER, N.; TRIOEN, M. The particularity of objectivity: A post-structuralist and psychoanalytical reading of the gap between objectivity-as-a-value and objectivity-as-a-practice in the 2003 Iraqi War coverage. **Journalism**, v. 11, n. 3, p. 311-328, 2010. Disponível em: < <http://jou.sagepub.com/content/11/3/311> >. Acesso em: 03 dez 2013.

CHAN, J. M.; LEE, C.-C. The journalistic paradigm on civil protests: A case study of Hong Kong. **The news media in national and international conflict**, p. 183-202, 1984.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

DARDIS, F. E. Marginalization Devices in U.S. Press Coverage of Iraq War Pro-

test: A Content Analysis. **Mass Communication & Society**, v. 9, n. 2, p. 117-135, 2006.

ENTMAN, R. M. **Projections of Power: Framing News, Public Opinion, and U.S. Foreign Policy**. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

FAUZANAFI, M. Z.; HALAMAN, K. 'We don't work with video, we work with People': Reflections on Participatory Video Activism in Indonesia. **The Fibreculture Journal**, n. 26, p. 314-320, 2015.

FORDE, S. **Challenging the News: The Journalism of Alternative and Community Media**. Palgrave Macmillan, 2011.

GITLIN, T. **The Whole World is Watching. Mass media in the making & unmaking of the new left**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1980.

HALL, S. The social production of news. In: HALL, S. (Ed.). **Policing the crisis: Mugging the State, and Law and Order**. London: Macmillan, 1978.

HARCUP, T. The Unspoken – Said': The Journalism of Alternative Media. **Journalism**, v. 4, n. 3, p. 356-376, 2003.

HARCUP, T.. Listening to the voiceless: The practices and ethics of alternative journalism. In: ATTON, C. (Ed.). **The Routledge Companion to Alternative and Community Media**. London: Routledge, 2015.

HARLOW, S. et al. Protest Paradigm in Multimedia: Social Media Sharing of Coverage About the Crime of Ayotzinapa, Mexico. **Journal of Communication**, v. 67, n. 3, p. 328-349, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/jcom.12296>.

HOPKE, J. E. Water Gives Life: Framing an Environmental Justice Movement in the Mainstream and Alternative Salvadoran Press. **Environmental Communication - a Journal of Nature and Culture**, v. 6, n. 3, p. 365-382, 2012.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse**. Bloomsbury Academic, 2001.

LEE, F. L. F. Triggering the Protest Paradigm: Examining factors affecting news coverage of protests. **International Journal of Communication**, v. 8, p. 2725-2746, 2014. Acesso em: 04/ out 2017.

MACHIN, D.; MAYR, A. **How to do Critical Discourse Analysis - A multimodal introduction**. Los Angeles, London, New Delhi: Sage, 2012.

MCLEOD, D. M.; DETENBER, B. H. **Framing effects of television news coverage of social protest**. **Journal of communication**, v. 49, n. 3, p. 3-23, 1999.

MORETZSOHN, S. "Profissionalismo" e "objetividade": o jornalismo na contra-mão da política. In: MOTTA, L. G. (Ed.). **Imprensa e Poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. pp.199-216.

MOUFFE, C. **Agonistics - Thinking the world politically**. London, New York: Verso, 2013.

O'HALLORAN, K., SMITH, BRADLEY. Multimodal Studies. In: O'HALLORAN, K., SMITH, BRADLEY (Ed.). **Multimodal Studies - Exploring Issues and Domains**. London, New York: Routledge, 2011.

REUL, R. et al. Professional journalistic routines and the protest paradigm: The Big Potato Swap in traditional and alternative media. **Journalism**, 1-18 p. 2016.

RODRIGUEZ, C. **Fissures in the Mediascape: An International Study of Citizens' Media**. Hampton Press, 2001.

RODRIGUEZ, C.; FERRON, B.; SHAMAS, K. Four challenges in the field of alternative, radical and citizens' media research. **Media Culture & Society**, v. 36, n. 2, p. 150-166, 2014.

SCHUDSON, M. The objectivity norm in American journalism. **Journalism**, v. 2, n. 2, p. 149-170, 2001.

SHAHIN, S. et al. Protesting the paradigm: a comparative study of news coverage of protests in Brazil, China, and India. **The International Journal of Press/Politics**, v. 21, n. 2, p. 143-164, 2016.

SOUSA, A. L. N.; CERVI, L. Video activism in the Brazilian protests: Genres, narratives and political participation. **Northern Lights**, v. 15, p. 69-88, 2017.

SPONHOLZ, L. Objetividade em jornalismo: uma perspectiva da teoria do conhecimento. **Famecos**, n. 21, p. 110-120, 2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3219>. Acesso em: 21 novembro 2018.

VAN DIJK, T. A. **Racism and the Press**. Taylor & Francis, 2015.

WEAVER, D. A.; SCACCO, J. M. Revisiting the protest paradigm: The tea party as filtered through prime-time cable news. **The International Journal of Press/Politics**, v. 18, n. 1, p. 61-84, 2013.